



# O Gaiato



**PORTE PAGO**

Quinzenário

1 de Dezembro de 1990

Ano XLVII — Nº 1219 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## O problema da Habitação

**Q**UEM duvida da força duma comunidade motivada para uma causa justa? É conhecido o sofrimento de muitas famílias por não terem a sua casa. Dezenas e dezenas de casos chegam até nós, ao longo do ano, sobretudo do meio rural. São famílias que se lançam na aventura da construção do seu lar, e a maior parte das vezes sozinhas, apoiadas na necessidade de terem casa e nos poucos meios materiais de que dispõem, que não vão além do salário que recebem, ao fim do mês. Levam anos, por isso, a realizar o sonho grande da sua vida. Outras há que ficam pelo caminho, desanimadas, à espera de alguém que lhes dê a mão para continuarem a sonhar. Que fazer?

As comunidades podem ajudar. Estou a pensar nas paróquias e no muito que algumas têm feito e no pouco ou nada que outras trazem para aliviar os seus membros da carga pesada demais para a sua vida. Trata-se dum problema humano muito grave de que a comunidade não deve ficar alheia. No seio do povo de Deus a fé e a vida são um todo. É grande o escândalo quando assim não acontece. Expressão viva da fé duma comunidade crente é a partilha das alegrias e das dores dos membros que a formam. A comunhão mais profunda revela-se em gestos de significado verdadeiramente humano.

A família que recebe da sua comunidade toda a ajuda possível, ainda que seja uma migalhinha, é feliz e feliz muito.

Não podeis imaginar a alegria que me trazem as cartas enviadas pelos párocos quando, nas entrelinhas, descubro a participação da paróquia. É tal a força da torrente que desperta em mim o desejo de não demorar tempo algum a dar a mão para que a alegria comum seja completa. E a dádiva não se esgota.

Quando assim acontece, todos nos ajudamos. Os problemas resolvem-se pouco a pouco, no nosso âmbito, pequenino, mas resolvem-se. Já não se trata de recorrer a uma agência de financiamentos, fria, mas a uma fonte de energia da mesma qualidade daquela que corre no seio da comunidade.

Por isso, sempre que não descubro a partilha comunitária na ajuda da construção da casa do Pobre, pergunto-me: — E a paróquia? A paróquia ajuda também?

Oh, quem dera! Ainda que tivéssemos de descer à rua e bater a todas as portas a mendigar o apoio necessário a um Fundo Social para a habitação em cada paróquia! Quem não ajuda não um membro da comunidade — mas sim a comunidade comprometida. Ninguém ficaria sem o seu quinhão. A Igreja não pode enjair a sua missão neste campo tão actual como urgente. Estendemos a mão às comunidades que nos querem dar a sua para que nasça o Fundo Social — pequenino, como grão de mostarda; cheio de vida, como a semente que cai no sulco, morre e produz com certeza!

**Padre Manuel António**



O salão de convívio acolhe alguns doentes, do Calvário, para uns momentos de lazer.

## NOTAS DO TEMPO

O Natal aproxima-se. As ruas de mais comércio aparecem enfeitadas. Começa a grande azáfama das compras. Coisas, coisas, coisas...

Sempre assim foi, mas o nosso tempo empolou este frenesim, com a mentalidade consumista que invadiu tudo e todos. Os ideais estão em crise. O supérfluo torna-se ideal de cada vez mais gente. A onda é avassaladora e entorpece a pessoa, esvazia-a de interesses mais nobres, rouba-lhe espírito de luta.

O fácil é a meta desejada e a metodologia para a alcançar.

Austeridade, renúncia, sacrifício, são olhados como realidade arcaica e palavras a banir. Importa é os sentidos sempre satisfeitos; e o maior esforço é libertar de obstáculos o caminho de os satisfazer.

Aonde o seu tesouro, aí tem o Homem o seu coração. Se o tesouro é constituído por bens tão transitórios, tão nivelados pela epiderme de quem os frui, não admira que o coração se enraíze, que os valores do espírito murchem e sejam relegados para um segundo plano, em risco de ficarem na sombra. Isto resulta no empobrecimento do Homem, na negação daquilo que é específico, pela dormência das suas faculdades espirituais. É certo que a Inteligência está activa, por exemplo, na investigação científica, no progresso técnico. Mas o acto dos poucos que se gastam nestes sectores redonda em facilidades para as maiorias que se dispensam de pensar, de saber por si próprios e hipotecam à máquina a sua *massa cinzenta*. O perigo do Homem se robotizar na era do *robot* que alguns poucos criaram!

A Vontade, porém, é a faculdade do espírito mais ameaçada de paralisia. O difícil é a grande fonte do seu dinamismo, o motivo do seu exercício permanente. O Homem é, por natureza, destinado a transcender-se. Se põe a sua meta aquém do valor que ele é, sub-humaniza-se, degenera, quando muito, num animal saudável e poderoso — mas, talvez, nem isso — e a felicidade é que jamais a alcançará. Esta consiste no crescer da consciência de pessoa e

Continua na página 3

## Património dos Pobres

• Naquela colina, uma aldeia. Nesta, uma linda capela.

— Sabe — disse-me o Pároco, ao sairmos do carro — este povo fazia «adoração perpétua»; depois, com a emigração, como são poucos, deixaram.

O nosso objectivo era visitarmos um casal com três filhos e a sua casa em construção. Tinham posto o telhado, oito dias antes, com a ajuda de todos os habitantes da aldeia. Mais: todos os materiais da última placa foram pagos por

cotização de todas as famílias! Eles não tinham mais posses. E a comunidade, sob o olhar bondoso do seu pastor, pôs mãos à obra!

Os mesmos que, na sua igrejinha e na hora que lhes tocava, adoravam o Senhor! A árvore boa a dar bons frutos! Se neste mundo há gestos mais belos, digam-me!

O Património dos Pobres já deu uma ajuda e vai dar outra — pois só estão as paredes e o telhado.

A que lonjura fica aquela aldeia conhecida que,

numa primeira Comunhão, queimou dois mil contos de foguetes — havendo nela uma família sem telhado... Nem comunidade cristã; muito menos, Evangelho. O machado está apontado ao tronco... Como a árvore não tem frutos, servirá para o fogo. «Fogo inextinguível.»

Não brinquemos às missinhas de lacinhos brancos.

• Património dos Pobres nunca foi, na mente do Padre Américo, uma secção de quintais

Continua na página 4

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

• É de família muito humilde e procura um lugar ao sol, na medida do possível.

Hoje, com ar estranho, traz um livro na mão. — Que será? «Preciso d'estudar e fazer exame. Esta obra (...) está esgotada. Tenho de a devolver a quem m'a emprestou». Depois, conta a sua história. «Só quem tem unhas toca viola» — acrescenta: querendo demonstrar o valor da cultura para — nesta sociedade de consumo — ser alguém na vida, esquecendo a miséria da infância.

Decorre o Ano Internacional da Alfabetização. A média nacional de analfabetos está cifrada em 15%. Há regiões com elevadas percentagens, particularmente em estratos para além da meia idade.

Ora, quem lida com os Pobres sabe e sente, na acção, o secular flagelo que prejudica a Nação — especialmente os Pobres — e só recentemente tem aberto mais os olhos a quem de direito, face à nossa integração na CEE.

Acabámos de atender um operário da indústria têxtil (em crise), cuja fábrica reduziu o quadro de pessoal. Foi despedido e, como é de lei, inscreve-se no Centro de Emprego da sua área para o respectivo subsídio, enquanto não encontrar lugar no mercado de trabalho. Traz papelada que não sabe preencher. «É muito triste a gente não saber ler nem escrever...» Tem a nódoa no próprio bilhete de identidade!

Outro: O filho, algo deficiente, é assistido numa clínica especializada. O pai, com sessenta anos, quer ver a hipótese de se lhe dar um ofício adequado para não ser estorvo à família.

— Por que não tentar um curso de formação profissional adaptado às limitações do rapaz?

Gastam-se milhões da CEE...

Aceita, de bom grado. Fornecemos cana para pescar. Volta, por fim, mais confortado. Todavia... «como eu e a minha mulher não conseguimos dar bem as voltas — não sabemos ler (carrega o sobrolho) — preciso que escrevam o hospital para dar um relatório do meu filho, pró processo».

São imagens do quotidiano. Elucidativas, infelizmente.

No entanto, há comunidades cristãs, identificadas com os Pobres, que, feito o diagnóstico da situação, não esperam por morosidades oficiais e avançam — em espírito de serviço. Já noutros tempos a Igreja foi Serva, como centro do saber e da instrução. É da História.

**PARTILHA** — A reconstrução da «Casa do Xai-Xai» permanece no coração dos leitores, por ser obra de vulto! Mais uma gota, de Peniche: «Recebi ontem o 'Famoso'. Só ao serão tive tempo de o ler, de fio a pavio. Aqui vão já cinco mil escudos para as obras. Só tenho pena de, em vez de multiplicar mil por cinco, não ter sido por muito mais. No próximo mês, se Deus quiser, irão mais umas migalhas. Peço ao Pai do Céu que vos dê muita saúde e muita coragem para continuarem.»

«Avó de Sintra», de luto: «Apesar da grande mágoa que sinto, não quero deixar de enviar o habitual», em duplicado, «para que os Pobres possam ter mais

pão na quadra do Natal». Quatro mil, de Santa Cruz do Douro. Idem, da assinante 38546. Cinco, de Edla, Coimbra, «para ajuda da conta da farmácia da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, especialmente para doentes pobres idosos — e por alma de meus pais». Remata a procissão um cheque da assinante 31104, como faz há muitos anos: «A doença atrapalha tudo, inclusivamente aquilo que da melhor vontade se quer fazer. Aceitemos a vontade de Deus. Assim me aconteceu. Com pouca possibilidade de andar, periclitante, verifico que, desde Agosto, nada tenho feito em favor dos que todos os meses esperam algo de mim. Deste modo, para pôr as coisas em ordem, junto cheque para as importâncias serem distribuídas como habitualmente. Peço que rezem pelas minhas melhoras, pois em minha casa não tenho ninguém que me trate». O nosso Deus escutou a sua e nossa oração.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — Com o vento cai alguma azeitona e os mais pequenos, depois da escola, vão logo buscar as latas para as apanhar.

A malta do Lar, quando cá vem, a Miranda do Corvo, apanha o resto. Este ano há pouquinha azeitona!

**BATATAS** — Um grande grupo de rapazes desgrelaram as batatas e foram tratadas com remédio contra o grelo.

**CARAS NOVAS** — Chegou mais um irmão, o David. Veio da Covilhã, mas é de Lisboa.

Morava em casa de uma avó. Ele gosta muito de cá estar e gostava de ser taxista quando for grande. Foi muito bem recebido por todos. É muito gordo.

**OBRAS** — Os pedreiros continuam muito ocupados. Já fizeram uma escada ao pé do muro da tipografia. E mais outra, perto dos azulejos, que dá para as divisões de cima da casa-mãe, além de um piso para quartos. Que o trabalho continue a correr bem.

**DESPORTO** — Não haverá um grupo

de jovens interessado em realizar um jogo com a nossa equipa? Telefonem ou escrevam se fazem favor.

**TIPOGRAFIA** — Precisamos de algum trabalho para a nossa tipografia. Ele é a fonte do nosso pão e do nosso crescer na vida.

Ángelo

## SETÚBAL

**AGRICULTURA** — Estamos novamente com a forragem do milho. Parte dela está a ser empilhada. A outra, esperamos que o sol seque a palha e a espiga para se colher.

Culturas frutícolas: Quase todas de bom aspecto. Podámos árvores. É bonito vê-las carregadinhas de fruta, muito apetitosa para as nossas refeições.

**PECUÁRIA** — Foi a época das crias. Já bebemos leite com força. Não falta no nosso dia-a-dia.

**SENHORAS** — Temos duas senhoras que resolveram partilhar conosco as suas férias. Para nós é muito importante. Passaram uma semana com os rapazes na casa da praia, no Portinho da Arrábida. Agora estão novamente em Algeruz. Portanto, ficarão a viver conosco. Viram que na Casa do Gaiato fazem muita falta. Estamos contentes por darem o melhor que podem, graças a Deus.

**CATEQUESE** — Começámos a catequese (uma vez por semana, à quarta-feira). Os rapazes precisam de ouvir a Palavra de Deus aqui e também na Missa para no futuro constituírem um lar sólido, contrariando o que acontece actualmente: o constante desabar... de famílias!

**VISITANTES** — A nossa Aldeia tem sido pouca visitada. Precisamos de Amigos que mostrem curiosidade em conhecer a história da Obra da Rua.

**VINDIMAS** — Começámos muito cedo para não apanhar calor. Até ao almoço colhemos só para as caixas, porque faltava a camioneta. De tarde, até às cinco horas, completámos esta faina. Depois, pisámos as uvas, com muita alegria.

**OBRAS** — Na casa-mãe são a acti-

vidade principal ocupando alguns rapazes. Tirámos as telhas velhas e os barrotes que faziam de vigas. Portanto, tudo de novo. O Lar, de Setúbal, está a ser pintado por dentro e por fora para ter melhor aspecto.

**DESPORTO** — No dia 28 de Outubro, jogámos com os «Cágados» (Pontes). Um jogo bem disputado, com muita tática e muito domínio de bola. Na primeira parte, um igual. Na segunda, jogo rápido ao primeiro toque; bolas para os flancos. E, assim, conseguimos vencer por 5-1, sem dificuldade.

**PEIXE** — Levantámos 43 caixas de peixe da lota de Setúbal oferecidas com muita amizade. Partilhámos algumas com a nossa Casa do Gaiato do Tojal. O peixe conta muito em nossas refeições. Obrigado pela oferta.

Jorge Anjo

## PAÇO DE SOUSA

**MAGUSTO** — Há dois anos que não fazíamos o magusto familiar! Mas, em 10 de Novembro, realizámos, finalmente, a esperada magustada. Foi uma alegria! Os chefes da comunidade, com os seus pupilos, comeram muitas castanhas e beberam sumos e vinho da nossa quinta.

**VISITANTES** — Na primeira semana de Novembro recebemos muita gente, sobretudo forasteiros da Feira de S. Martinho, em Penafiel. Excursões do Centro e do Norte do País.

**AGRICULTURA** — Os campos estão sendo preparados para a sementeira de erva para o gado. Daqui para diante, é muito interessante ver, de perto ou de longe, vastos tapetes verdes de alimento para as vacas.

**OBRAS** — Os trabalhadores voltam para a antiga oficina da tipografia e procedem ao acabamento das paredes exteriores do edifício. São obras de vulto!

Logo que terminem esta empreitada, seguem para a casa um, nome que lhe foi dado — por isso mesmo — quando da construção da nossa Aldeia, na década de 40.

**DESPORTO** — Já nos reunimos para a solução dos problemas que afectavam

a nossa equipa. Designámos um treinador: o Correia; e um preparador físico: o Lupricínio. Esperamos que tudo corra bem, daqui para a frente.

Defrontámos, entretanto, um grupo de Ermesinde. Ambas as equipas demonstraram bom futebol. Na primeira parte, 1-0 a favor do adversário. Na segunda, as formações reentraram a pensar na vitória... Mas a história do jogo não foi agradável, tendo a equipa de arbitragem de se impor. Resultado final: 4-1 a favor deles.

**TIPOGRAFIA** — Já temos um mestre para o sector de fotocomposição! É o Silva, antigo «Pipas», que se dispôs a perder as suas horas de descanso — pois trabalha numa grande empresa editorial — para nos ministrar um curso intensivo, da especialidade. Agora, o que é preciso, reconhecemos, é aproveitarmos o melhor possível o sacrifício do Silva em benefício da nossa formação profissional.

Lupricínio

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA S. FRANCISCO DE ASSIS** — Ai moda a quanto obrigas! O teu ar perfumado oculta o veneno da degradação. Quantos pais são surpreendidos pelo teu odor! É e está na moda os filhos não serem importunados, saírem cedo e tarde chegarem, dinheiro no bolso, refalsarem os pais, etc.

De braços caídos, o medo de os perder impede os progenitores de serem mais activos, a desculpa do «deixa-lá-tu não vês os filhos do senhor fulano fazer na mesma», traz o rótulo da impotência na educação dos filhos. Quanto mais baixo é o estrato social, mais esta desarmonia sobressai.

A Guidita é uma menina de 15 anos, botão formado que não chegou a desabrochar. Colhida antes do tempo, perdeu a alegria, e o medo e a incerteza fá-la culpada. A mãe procura-nos e conta o sucedido, pede esmola para a filha e a neta de dois meses. Somos contra a esmola, procuramos ajudar os mais necessitados no sentido de os promover e não dar-lhes um rótulo.

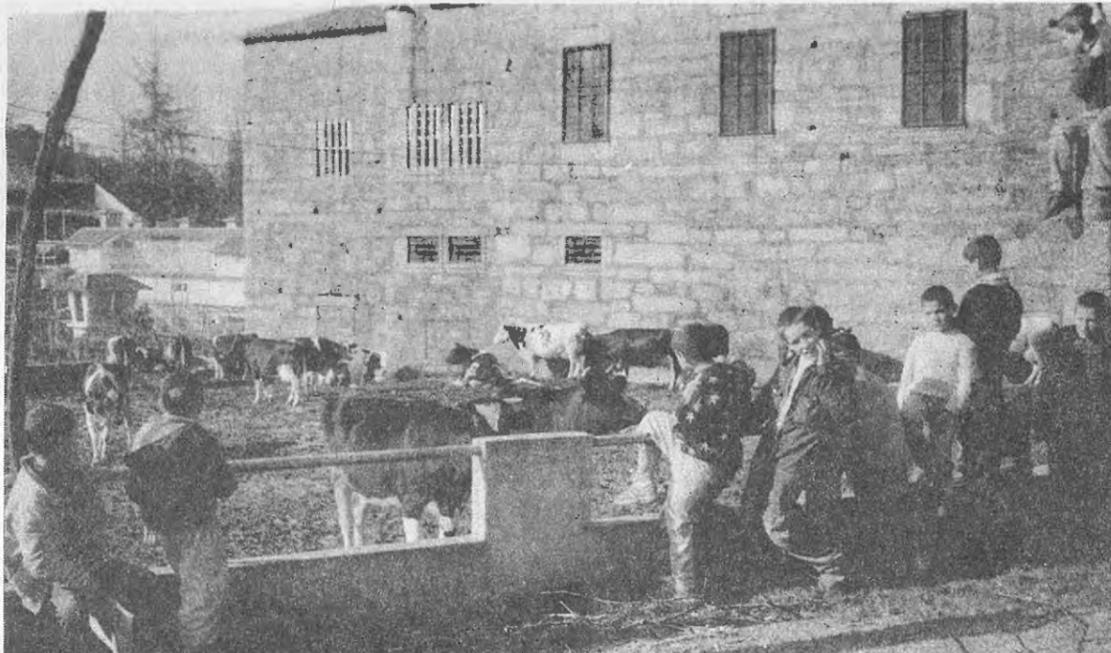
A Guidita tem o leite assegurado para o filho, abrimos conta numa farmácia e vamos pagar como pudermos. Ela precisa mais que o leite, trabalho honesto que a promova e ajude a cicatrizar a chaga aberta pelo pai da sua pequenina que recusa reconhecer a paternidade.

O Natal está à porta: para muitos é alegria, para outros meditação e tristeza. Também damos voltas à cabeça no sentido de tornar esta quadra mais festiva a quem ajudamos. A Conferência abrange todas as idades e sem a vossa ajuda pouco podemos fazer.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Braga presente com 1000\$00. de J. C. Medeiros. Anónimo 1000\$00. «Aqui vai uma gotinha para ajudar um irmão ou uma irmã em dificuldade. Peço a Deus que vos dê cada vez mais força para lutardes pelo bem, pela justiça, pela paz. Para todos vós e todos os que trabalham nessa Casa um grande abraço e que Deus vos guarde. A.S. Reis — Lisboa.»

Muito obrigado. Também não vos esquecemos nas nossas orações. Bem hajam.

Adelaide e Zé



Eles apreciam o gado da nossa quinta. «A mãe-terra — a Natureza — infunde vida e alegria na própria vida destas crianças» — que foram da rua...

## SETÚBAL

## Direitos da Criança

Não leio os diários nem os semanários. O tempo não me chega, sequer, para ver o telejornal. Normalmente vou-me guiando pelo noticiário das sete da manhã e uma ou outra vez pelo da meia-noite, num pequeno rádio que tenho à cabeceira.

Fiquei preso pelo relevo dado à reunião de gente grande na América do Norte, há semanas, motivada pela criança faminta e maltratada nas diversas regiões do globo.

Também ouvi os termos do telegrama do nosso Presidente, repassados de ternura e preocupação pelos

maus tratos de que são vítimas os mais pequeninos da humanidade.

Tudo soou a vazio. Sem querer ofender ninguém, e percebendo que as intenções podem ser boas, parece-me que as estruturas em que as pessoas pensam e se movem, são falsas, sem convicção e de tal modo incoerentes que não convencem ninguém, nem aqueles que parecem deixar-se convencer.

Abundam, por aí, não sei quantas instituições para crianças em risco (como agora se diz) orientadas e geridas por gente de alta sociedade que propaga aos quatro ventos as

suas beneméritas acções e procura arrancar destas, para si próprias, todos os louros e proveitos sociais e políticos. As revistas apresentam coloridas fotografias das referidas personalidades, e os outros *mass-média* evidenciam os seus nomes. Ao ler tais notícias parece-me que o problema da criança abandonada vai ser, finalmente, resolvido.

O que vemos?

Nas grandes e pequenas cidades, crianças vagueiam a toda a hora do dia, ou da noite, anémicas, sujas, sem família, sem casa, sem escola, pedindo e roubando, a caminho da marginalidade. É à saída e entrada das estações de transportes públicos, é junto dos sinais de trânsito e nas ruas e praças mais frequentadas.

A criança da rua, hoje, faz parte do ambiente citadino.

Há dias, observei: Na entrada da Rua da Palma Borba, em Setúbal, uma mulher sentada no chão sobre as próprias pernas e o xaile às costas, com um bebé a sugar um dos peitos. Expunha-se à comiserção social com um pequeno tacho à frente, pedindo esmola. Na Praça do Bocage, o seu companheiro, com outra criança de ano e meio às cavalitas, abeirava-se dos transeuntes solicitando ajuda para o seu menino.

Terríveis quadros de degradação humana!...

A sociedade, comovida, impotente, resignada, sem discernimento, coloca no tacho ou na mão a traiçoeira esmola que vai dar para o pão, o vinho, o tabaco ou a droga, alimentando o terrível vício da pedincha e sujeitando as infelizes e indefesas crianças à degradação mais aviltante.

Conheço uma mãe de quem ainda tenho o filho mais novo que o padrasto atirou contra uma parede, fracturando-lhe o crâneo, que fez, assim, dos outros sete filhos gente marginal, atrasada, alcoólica e prostituta. Uns, estão presos; outros, vagueiam no submundo e elas são prostitutas.

Quem é a autoridade? Haverá alguma autoridade que se deva meter nestes assuntos? Será a Polícia? As Assistentes Sociais? O Tribunal? O Centro Regional da Segurança Social? A Secretaria de Estado da Família? A Assembleia da República? O Governo? O Presidente da República? Quem? Será isto um mal da democracia que, por ela, teremos todos de suportar?

Toda a gente lava as mãos. Pedir assim na rua, explorando descaradamente os inocentes, não é crime?...

Que incoerência quando a autoridade máxima e a mínima se lamentam desta realidade e nada fazem.

Passaiam. Comem. Bebem. Vivem como reis do melhor dos mundos e ainda têm o atrevimento de vir denunciar farisaicamente desgraças que eles próprios deviam travar — com austeridade nos seus gastos pessoais e públicos, nos seus ordenados e no seu empenhamento social, legislativo e político.

Parece que vivemos num mundo incoerente e não de homens responsáveis.

Padre Acílio

## DOCTRINA



A satisfação de dar...  
vence a humilhação de pedir.

- Ando actualmente na faina do recolher, batendo à porta de casas onde me parece que mora alguém, porquanto no próximo mês levanta ferro o primeiro grupo de gaiatos e a gente tem de se preparar. Para acudir a cento e meio deles, deixamos ficar em terra muitos mais, vizinhos de porta, amigos de Escola, companheiros de vida que nos puxam pelas abas da batina num delicioso «deixe-me ir também!» Ora é precisamente este «deixe-me ir também» que nos dá coragem de perguntar se o senhor está em casa e se pode atender por uns momentos o estranho impertinente. A criada vai dentro dar o nome e vem dizer que sim. Entramos na sala. Enquanto deixamos cair os olhos em preciosidades suspensas de paredes e pousadas sobre mesas, ali que ninguém nos vê, vamos ruminando baixinho os Mandamentos da Lei de Deus, com muito medo de pecar no sétimo e no décimo... — até que chega quem nos vai abrir a mão. Com duas palavras cerimoniosas inclina-se a gente na forma do estilo, repete o gesto no fundo da escada e abre o envelope na rua!...
- É necessário prudência na vida, que a figueira do Evangelho esteve em riscos de ser arrancada por ocupar um espaço preciso sem produzir fruto! Não é favor nenhum o meu bater à tua porta nem o teu abrir a mão; é simplesmente uma obrigação social. Pedras do mesmo edifício que todos nós somos, a abundância de uns deve suprir a indigência dos outros para assim haver harmonia no todo.

• Mais um «eu vou mandar azeite pelo Adelino». Repara bem naquele «eu vou mandar azeite pelo Adelino» e faz o mesmo aos teus adelinos. Já mandei fazer segundo pote, ambos às tuas ordens. Não ofereças do fundo, mas sim da flor, que é para adubar a sopa de crianças pobres.

• Ele há por aí certas lojas que aproveitam a ocasião de bodos de Natal para venderem fundos de latas, restos de sacos, lotes rejeitados, tudo com mira no lucro e desprezo do Pobre. Mentira! Aqui, não: «Tira as sandálias que este lugar é santo». A Pobreza é um sacramento fundado e vivido no mundo por quem nele quis trocar o Nome sem jamais trocar a Pessoa; e os Pobres são os sujeitos deste sacramento. Manda do mais fino.

• Eu necessito, este ano, de vinte cântaros e já os tenho todos nos arredores de Coimbra, medidos em fios de ouro, suspensos de oliveiras prometedoras. São assim os passarinhos do céu: não semeiam, nem colhem nem tecem. Trabalham muito; cantam sempre e o Pai Celeste dá-lhes de comer!

Padre Acílio

(Do livro Pão dos Pobres — 2ª vol.)

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

DE OLHOS FECHADOS. Acabo de receber um postal bonito que traz uma bonita legenda: «Deus quer que os homens tenham uma vida aberta e generosa que desabroche e abandone ao vento as suas flores e frutos, irradiando alegria».

Fixo-me nela. Recordo «partilhas de alma» recebidas de antigos gaiatos. Com eles (re)vivo, nos meus anos *vintes*, um grande amor à Obra da Rua. E um novo amor nasce, agora, em mim. Mastigo uma dica do Fernando Marques, o actual presidente da Associação/Norte. Também ele, a exemplo de muitos, conta facilidades sonhadas ao sair e *cabeçadas* dadas ao depois. Na sequência da conversa, logo adianta: — A Obra da Rua precisava de acompanhar mais os que saem. Sei que já o faz com alguns, mas são poucos e talvez até os que mais precisam — porque lhe são os mais chegados. Sei que os Padres da Rua não chegam e os Cooperadores não podem estar sobre todos os problemas de uma Casa do Gaiato. Sabes, dou comigo muitas vezes a pensar que a Associação poderia dar uma mãozinha nisso.

É uma conversa/desafio que me anda cá a bailar. Entretanto, vamos treinando, até se lhe descobrir o rumo certo. Queremos é ser fiéis ao Espírito — que sopra quando, onde, como e em quem quer. A nós compete o estar alerta, não vá Ele passar e estarmos de coração fechado.

Claro que (é lá da Psicologia) ninguém pode abrir os olhos de ninguém. O «abrir dos olhos» é um longo processo individual que passa pelo interior de cada um. E o seu desabrochar tem muito a ver com os *hábitos de fidelidade a si mesmo*, que o mesmo é dizer *fidelidade a Deus* a cuja imagem e semelhança somos feitos. «Experiências não se transmitem», escreveu Pai Américo. Certo. Mas podemos ir criando *aquele ambiente* que favorece esta aprendizagem do «abrir bem os olhos» para não haver *cabeçadas*... Uma experiência partilhada pode não servir de lição, mas pode servir de alerta/desafio para a lição que precisamos de aprender. Pode ser o primeiro passo dessa longa caminhada. É. Bom, depois, nas pequenas *cabeçadas*, em vez das críticas recriminatórias, o amoroso estar-com o ferido — no arripiar caminho. Esta parece ser a Pedagogia do Evangelho.

Abel Magalhães

## RETALHOS DE VIDA

## O «MERENDAS»



VIM para esta linda Casa, para a nossa bela Aldeia, em Paço de Sousa, numa tarde do Verão de 1987.

É um mundo diferente daquele a que estava habituado...!

A razão que levou a trazerem-me para a Casa do Gaiato: meus pais terem falecido.

Dava-me muito bem com a minha mãe. Mas, infelizmente, o meu pai era bêbado e desgostava-me muito.

Frequento a Escola Primária. Nas horas vagas limpava a tipografia. O chefe era meu amigo porque fazia o serviço bem feito. Agora, também nas horas vagas, ajudo a malta do campo. Mas, quando for grande, quero ser um bom mecânico de aviões.

Paulo Ferreira Peixoto («Merendas»)

## Notas do Tempo

Continuação da página 1

dos valores perenes que tem de perseguir quase sempre pelo preço de renúncia aos transitórios.

O tempo é a coordenada mais universal a balizar a vida do Homem. Tanto, que ele tem o instinto de que o pode vencer e passar para além dele. E se lhe toma a consciência, desperta nele o projecto de consegui-lo. A ambição de conquistar o espaço não passa de figura da de conquistar o tempo. Por isso o tempo se torna o valor precioso a explorar em profundidade. Tudo, menos deixá-lo decorrer no vazio, seja qual for o preço transitório a pagar pela vitória definitiva. É esta a sabedoria dos santos, com certeza os mais sábios dos homens.

Foi o que Jesus nos sugeriu ao falar do homem que trocou toda a sua colecção de pérolas por uma só porque era *única*. É o que concluiu da parábola dos talentos que a Liturgia hoje nos recordou.

Tudo, menos o vazio. Tudo, menos a preguiça de viver que se consuma no viver em preguiça.

Ao chamar à vida, Deus investiu no Homem. Ao chamar o Homem da vida, pede-lhe contas dela. Ai do que for achado sem lucro! Devolver o capital pode parecer ao Homem a honestidade suficiente. Para Deus é a traição, é o desperdício de uma vida, é a negação absoluta do Seu dom.

Por isso este ficou de fora, «nas trevas, onde há choro e ranger de dentes». Enquanto «ladões e prostitutas passaram adiante no Seu Reino», porque, apesar das mãos sujas dos seus pecados, as não apresentaram vazias.

Padre Carlos



O Ricardo e o João. Para trás ficou a barraca e o mundo da miséria.

## VISTAS DE DENTRO

**P**ROMETI dar-vos notícias do João e do Ricardo quando chegassem à Casa do Gaiato. Já vieram.

Para trás ficou a barraca onde viviam, com o mundo de miséria que há num bairro desta espécie. Levanto a cabeça e olho. Piso uma vez e outra os carreiros escorregadios por onde passam as pessoas, como as ovelhas e cabras que se dirigem ao curral. O Ricardo e o João viviam lá.

Um dia destes, em tarde de sol, baixei à quinta, acompanhado por eles. Perguntas e mais perguntas... a pôr à prova a minha paciência.

— Isto tudo é nosso? O tractor também? E as vacas?

— Sim, é nosso. E os olhos abriam-se, abriam-se para acolher, com sofreguidão, a beleza que tinham diante de si. Um sorriso, de vez em quando, era o extravasar da alegria que os ia enchendo.

Enquanto passava o tempo, ia-me interrogando sobre a razão de ser da minha vida frente à vida do Ricardo e do João. Se fosse só por eles já valia a pena... mas são muitos! Verdadeiros tesouros enterrados, para vergonha dos homens! Quem pode pagar aos que se lançam na aventura da descoberta destas pedras preciosas? Que preço se pode fazer? Vale a pena, por isso, deixar tudo... e partir.

Os bairros de lata e de barracas são cemitérios de crianças, adolescentes, jovens, adultos... de toda a gente que lá mora e ainda está viva. Faltam os apaixonados por esta causa! É preciso desenterrar a verdadeira riqueza da Nação e pô-la a render. Vai ver; e vem, depois, ter connosco.

Com os dois irmãos, aqui falados, veio outro pequeno, de 9 anos, encontrado numa barraca tipo lixeira, adaptada, onde não existem quaisquer condições de higiene nem de saneamento básico. Sabeis o que é estar sozinho, deitado numa cama onde tudo à volta é lixo a deitar um cheiro nauseabundo? Assim foi encontrado o Carlos. Assim se explica como uma criança de 9 anos, ao deitar-se numa cama lavada e aconchegada, não é capaz de controlar as fezes nem a urina. Não estava habituado!... Estou a falar-te do mundo de hoje. Se fosse só um... mas são muitos! Oh, não! Pensa na tua vida. Que sentido lhe dás? Como podes responder a este problema? Que podes fazer? Se experimentasses a alegria de acolher em teu coração estes pequenos; deitá-los pertinho de ti para que se sintam acompanhados e ganhem segurança; recostá-los, depois, nas suas camas e adormecê-los; não escolherias outro caminho, por certo, para endireitar a tua consciência.

É um problema de consciência, sim.

Se estes pequenos conhecem a desgraça de terem nascido e crescido no meio do lixo, desgraça maior os espera se não se lhes deita a mão, a tempo e horas. Ou são amados ou vão odiar aqueles que passam e não lhes deram a mão. Quando a miséria entra e é senhora, temos uns derrotados para toda a vida. O alimento é o desespero e a vingança.

O Carlos falava muitas vezes na mãe. Não viveu com ela nem a conheceu quando pequenino, pois que foi viver com outro homem e não o queria junto de si. Outra mulher tomou conta dele, entretanto. Pobre mulher que nada tinha para si nem para dar ao Carlos, a não ser a montureira onde foi encontrado. Mas era uma mulher... e o pequeno foi-se, numa manhã destas, muito cedo, levado por ela, sem darmos conta. Há-de voltar. É justo que volte! Não temos outras armas nem outras cadeias para prender o Carlos, a não ser o carinho que ele experimentou no pouco tempo que esteve connosco. Há-de voltar.

Padre Manuel António

# Cantinho das Senhoras

No Verão passado acedi ao convite que me fizeram para fazer um retiro com as senhoras que dão a sua vida pela Obra da Rua. Valeu a pena!

De todas e cada uma trouxe uma mensagem de muita paz e esperança. Fiquei sensibilizada e confundida com o modo como vivem, como se dão... Nos seus rostos paira o cansaço, mas que é acompanhado pela alegria de quem encontrou o seu lugar na vida.

Todas falavam dos Rapazes como algo que lhes é muito querido, muito seu, mas já com uma certa preocupação de não verem mulheres mais jovens que dêem continuidade aos seus trabalhos, de tão grande e nobre missão que é a Obra da Rua.

Nada pediam para si, lembravam, apenas, a Obra (recordo uma que não pôde ir e me dizia: «Escute o Senhor e Ele lhe mostrará o caminho. Reflita e venha. A Obra da Rua precisa de si»).

Permitam que escreva o que fui sentindo, ao mesmo tempo que ia conhecendo a vida dessas mulheres simples, mas com o coração cheio e grande. Estava diante de gente heroína e santa. E isto porquê? Porque é uma vida que se faz de pequenas coisas, no dia-a-dia, muito escondida, muito silenciosa, longe dos aplausos sociais.

Só o Amor consegue estas coisas!...

É o trabalho das mães que horas após horas, pensam nos seus filhos e tudo fazem para que cresçam e se sintam felizes, esquecendo-se muitas vezes delas próprias!

O testemunho destas mães, nas Casas do Gaiato, será para nós, jovens, mais forte que muitas palavras. Acreditem!

Sentindo na minha «carne» o apelo de que vale a pena correr o risco por

amor a esta causa, sou «tentada» a lançar o desafio aos jovens que lerem este meu testemunho e que por ventura estejam também inquietos no modo como vão preparar o Natal.

Há presépios vivos nas Casas do Gaiato!

Porém, constata-se a falta de alguns personagens. Vamos à descoberta?

Experimentemos e depois é só escutar... porque é sempre tempo

de começar tudo de novo. O Senhor não falta. Ele conhece cada um, e a cada um ama tal qual é.

A todos quantos estamos a viver o «problema» da falta de presenças femininas nas Casas do Gaiato, aqui vai a minha mensagem, tantas vezes dita e vivida por alguém que sempre fala dos gaiatos com encanto e ternura.

«Ainda não é tarde.»

Laurinda

## TRIBUNA DE COIMBRA

Alguns quadros da nossa vida no dia de hoje.

O «Quicas», cozinheiro, tocou a sineta para levantar, um pouco depois das sete. Foi o sono ou a preguiça. Contudo, tomámos o café a tempo e às oito estávamos nas nossas obrigações.

Veio um técnico amigo ensinar a fundir as placas de fibra para as câmaras frigoríficas que estamos a preparar. Um trabalho novo e muito apreciado por todos. Já fundiram duas.

As três oficinas abriram à hora com seus rapazes. Veio logo um freguês perguntar por uma porta que encomendou, há semanas. Foi ele a dar a desculpa: — *Paciência. Os rapazes têm muito que fazer.*

Os pedreiros começaram paredes novas a dividir as camaratas grandes. Os mais pequenitos todos eles saltaram quando lhes disse que se

queriam ter lugar na casa nova tinham de acarretar tijolos. Que algazarra fizeram até ao toque da sineta a chamar para a escola! Não mais pararam e vivi com muita alegria aquela hora.

O «Charrua» com o malho grande, todo o dia bateu nas pedras da paredê para abrir uma porta. Muitas vezes teve de dar uma volta e sentar-se a descansar. O «Charrua» é um ponto.

O «Tó» não parou um momento, nem deixou arrefecer a betoneira e os pés a preparar e a levar a massa para os pedreiros. O «Tó» gosta muito de falar sozinho e todos lhe acham graça. Quando quer é bom trabalhador.

De Lisboa veio um Engenheiro muito amigo com dois senhores angolanos. Almoçaram connosco e procuraram ajudar a resolver problemas burocráticos de rapazes nossos.

Vieram dois professores do Ensino Secundário, de Oliveira do Hospital, tratar do convívio de Natal dos alunos. Desejam que seja convívio-lição da nossa vida prática. E suas prendas sejam úteis para nós.

Uma brigada de estradas compôs a rua em frente ao busto de Pai Américo. Estava muito esburacada. Ficou melhor e mais digna. Ficámos contentes. Na véspera tínhamos andado a preparar o terreno para aí jardinar e o muro para embelezar.

Ao fim do dia fizemos a nossa oração familiar e o «Massades» abriu muito a boca. Ele é de Valongo e custa um pouco a aturar. Anda sempre fora do lugar. O Senhor nos dê muita paciência.

E o dia terminou com estas notas que estou a escrever e são uma partilha com os nossos Amigos. Isto é a Casa do Gaiato!

Padre Telmo

Padre Horácio

## Património dos Pobres

Continuação da página 1

isolados; sim, uma comunhão dos que ajudam com aqueles que recebem e, dentro da Igreja, também comunidade. Nunca uma posse, mas um movimento de amor palpante nos gestos de ajuda e aceitação.

«Quem mexe esta água toda?» — pergunta dum pequenito nosso, nos braços dum padre e diante do mar.

Somente o amor realizado em comunhão. Comungar é estar com... Não, um acto isolado.

Património dos Pobres — ajuda à margem da comunidade não é autêntico.

Aquele Pároco do casal ajudado por toda a aldeia mexeu as águas. É um mar vivo.

Na aldeia dos foguetes, o mar está parado... Assim, irá apodrecer.

• Tão certo e profético o «cada freguesia cuide dos seus Pobres»!

Claro que o princípio deste «cuidar» está no cuidado do Pastor:

Cuidar da ovelha doente;

procurar a que se perdeu;

alimentar a que tem fome;

conhecer pelo nome;

saber onde e como vive;

finalmente, dizer à comunidade que todos somos responsáveis por todos.



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285  
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Novembro: 73.700 exemplares.